

Rita Dácio **FALCÃO*** 

Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, Rondônia, Brasil
ritadaciofalcao@hotmail.com

Karinne Falcão **ARAÚJO****

Faculdade do Amazonas (IAES), Manaus, Amazonas, Brasil
cdkarinnefalcao@gmail.com

Felipe Max Thibes **MATOS*****

Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Manaus, Amazonas, Brasil
felipemaxthibes@gmail.com

Rayssa Falcão **NEVES******

Universidade do Estado do Amazonas, Tabatinga, A Brasil
cdkarinnefalcao@gmail.com

Odilon Souza **DOS SANTOS*******

Instituto Federal do Amazonas (IFAM), Tabatinga, Amazonas, Brasil
odilon.santos@ifam.edu.br

Iatiçara Oliveira **DA SILVA*******

Universidade Estadual de Campina (Unicamp), Campinas, São Paulo, Brasil
iaticara@gmail.com



GEOGRAPHIA
OPPORTUNO
TEMPORE



REFLEXÕES SOBRE O ENSINO GEOGRÁFICO EM ESCOLA DE FRONTEIRA, O CASO DE TABATINGA- AMAZONAS

Reflections on geographic teaching in a fronteira school, the case of Tabatinga-Amazonas

Reflexiones sobre la enseñanza geográfica en una escuela de frontera, el caso de Tabatinga-Amazonas

RESUMO

O texto “Reflexões sobre o ensino geográfico em escola de fronteira, o caso de Tabatinga-Amazonas” busca identificar, dentro das especificidades fronteiriça, qual a missão atual da Geografia ensinada nas escolas e como ele reflete enquanto fronteira. Sabemos que as políticas educacionais influenciam os contextos econômico, social e político dos países, nesse seguimento, desperta os interesses dos grupos dominantes em selecionar, organizar e orientar os conteúdos cognitivos e culturais da população. A Geografia como ciência e disciplina escolar, vêm se consolidando e evidenciando sua importância na vida e na história dos países. As escolas têm uma forte influência na formação ideológica e no modo de vida dos cidadãos e isso nos desperta a questionar, até que ponto a Geografia escolar é desenvolvida e aplicada nos lados fronteiriços, até onde ela influencia as relações transfronteiriças, até onde está imbuída na ideologia dominante do Estado. Para melhor entender o processo, buscamos alguns teóricos que discutem a temática, como também a observação da prática docente em relação ao ensino, como também, o incentivo e apoio da comunidade escolar e do Estado para que o ensino nas escolas tenha significado na vida de cada estudante.

Palavras-chave: Geografia escolar; Fronteira; Relações fronteiriças.

Rita Dácio **FALCÃO**
Karinne Falcão **ARAÚJO**
Felipe Max Thibes **MATOS**
Rayssa Falcão **NEVES**
Odilon Souza **DOS SANTOS**
Iatiçara Oliveira **DA SILVA**

ABSTRACT

The text “Reflections on geographic teaching in border schools, the case of Tabatinga-Amazonas” seeks to identify, within the border specificities, what is the current mission of Geography taught in schools and how it reflects as a border. We know that educational policies influence the economic, social and political contexts of countries, this arousing the interests of dominant groups in selecting, organizing and guiding the population's cognitive and cultural content. Geography as a science and school subject has been consolidating itself and highlighting its importance in the life and history of countries. Schools have a strong influence on the ideological formation and way of life of citizens and this awakens us to question the extent to which school Geography is developed and applied on the border sides, the extent to which it influences cross-border relations, the extent to which it is imbued in dominant ideology of the State. To better understand the process, we sought out some theorists who discuss the topic, as well as observation of teaching practice, and as a result we highlighted the importance of teacher commitment in relation to teaching, as well as the encouragement and support of the school community and the State to that teaching in schools has meaning in the lives of each student.

Keywords: School geography; Border; Border relations.

RESUMEN

El texto “Reflexiones sobre la enseñanza geográfica en las escuelas de frontera, el caso de Tabatinga-Amazonas” busca identificar, dentro de las especificidades fronterizas, cuál es la misión actual de la Geografía enseñada en las escuelas y cómo se refleja como frontera. Sabemos que las políticas educativas influyen en los contextos económicos, sociales y políticos de los países, despertando así los intereses de los grupos dominantes en seleccionar, organizar y orientar los contenidos cognitivos y culturales de la población. La geografía como ciencia y materia escolar se ha ido consolidando y destacando su importancia en la vida y la historia de los países. Las escuelas tienen una fuerte influencia en la formación ideológica y el modo de vida de los ciudadanos y esto nos lleva a cuestionar hasta qué punto la geografía escolar se desarrolla y aplica en los lados fronterizos, hasta qué punto influye en las relaciones transfronterizas, hasta qué punto que está imbuido de la ideología dominante del Estado. Para comprender mejor el proceso, buscamos algunos teóricos que discuten el tema, así como la observación de la práctica docente, y como resultado resaltamos la importancia del compromiso docente en relación con la enseñanza, así como el estímulo y apoyo de la comunidad escolar y el Estado para que la enseñanza en las escuelas tenga sentido en la vida de cada estudiante.

Palabras-clave: Geografía escolar; Fronteras; Relaciones fronterizas.

Rita Dácio **FALCÃO**
Karinne Falcão **ARAÚJO**
Felipe Max Thibes **MATOS**
Rayssa Falcão **NEVES**
Odilon Souza **DOS SANTOS**
Iatiçara Oliveira **DA SILVA**

A DIVERSIDADE CULTURAL NA FRONTEIRA: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A diversidade sociocultural brasileira é riquíssima, o Brasil é formado por vários grupos étnicos, com histórias, saberes, culturas, como também, línguas próprias, e os povos indígenas fazem parte dessa diversidade. Essas riquezas devem ser preservadas, pois, cada povo indígena que vive hoje no Brasil é dono de um universo cultural. Sua variedade e sua originalidade são um patrimônio importante não apenas para eles, mas para toda a humanidade. Suas culturas e línguas são frutos da herança de gerações anteriores, e os territórios indígenas estão localizados por todo o país, inclusive na Amazônia.

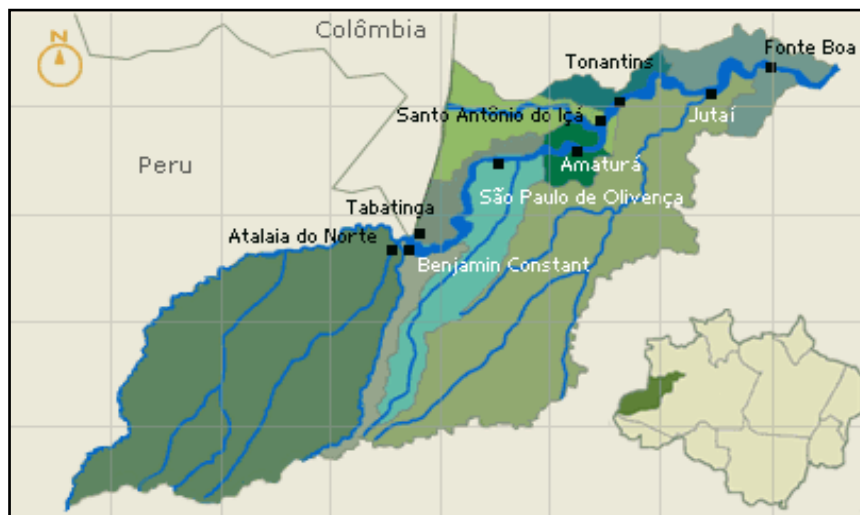
A ocupação econômica da Amazônia colonial, iniciada nos primórdios dos Seiscentos, se desenvolveu em torno de atividades agrícolas, extrativistas e criatórias, para cuja realização o trabalho indígena era indispensável (Júnior, 2013). Os indígenas eram utilizados pela sociedade e autoridades coloniais, para desenvolver diversas atividades, que disputavam entre si o controle dessa mão de obra, principalmente para coletar as drogas do sertão uma das principais atividades econômicas na época.

Para coletar as drogas do sertão era necessário ter o conhecimento da floresta, e isso só os indígenas possuíam. Durante as atividades os indígenas sofriam abusos e maus tratos, eram escravizados pelos colonizadores e esses abusos sofridos pelos indígenas são atestados tanto na documentação como na historiografia, está registrado que a formação e colonização do estado brasileiro foi marcado pela escravidão indígena e dos negros africanos (Júnior, 2013).

Na região amazônica do Brasil vivem cerca de 180 povos indígenas, somando uma população de aproximadamente 867,9 mil indivíduos, 51,25% da população indígena. A maior etnia da Amazônia brasileira são os indígenas Ticuna, conta com uma população de 46.065 indivíduos (IBGE, 2022), ocupando cerca de 70 aldeias às margens do rio Solimões, no Estado do Amazonas.

Outra parte do grupo vive no Peru e na Colômbia. Ocupando tradicionalmente a região do Alto Solimões, no estado do Amazonas, os Ticuna são encontrados em todos os municípios dessa região. “De acordo com seus mitos, os Ticuna são originários do igarapé Eware, situado nas nascentes do igarapé São Jerônimo (Tonatü), tributário da margem esquerda do rio Solimões, no trecho entre Tabatinga e São Paulo de Olivença. Ainda hoje é essa a área de mais forte concentração de Ticuna, onde estão localizadas 42 das 59 aldeias existentes” (Oliveira, 2002).

Figura 1 - Microrregião do Alto Solimões e a fronteira Brasil/Colômbia/Peru



Fonte: IBGE, 2022

A região conhecida como Alto Solimões, é uma área situada na Mesorregião Sudoeste Amazonense, na faixa de fronteira internacional do Brasil com Peru e Colômbia, no extremo sudoeste do Estado do Amazonas, atualmente é constituída pelos municípios de Amaturá, Atalaia do Norte, Benjamin Constant, Fonte Boa, Jutai, Santo Antônio do Içá, São Paulo de Olivença, Tabatinga e Tonantins, ocupando uma área de total de 213.281,3 km², corresponde a 13,58% da área total do estado do Amazonas.

A Faixa de Fronteira configura-se como uma região pouco desenvolvida economicamente, historicamente abandonada pelo Estado, marcada pela dificuldade de acesso a bens e serviços públicos (Machado, 2005).

Tabatinga (Brasil), Leticia (Colômbia) e Santa Rosa (Peru) são cidades, unidas por uma fronteira seca e outra aquática, no caso do distrito de Santa Rosa, cujas urbanizações estão situadas na interseção das três fronteiras Brasil-Colômbia-Peru na região do Alto Solimões/Amazonas. O município de Tabatinga situa-se no limite Oeste da região Norte do Brasil, no estado do Amazonas, à margem esquerda do Rio Solimões, na microrregião do Alto Solimões.

Imagem 02. Tríplice fronteira amazônica: Brasil/Colômbia/Peru



Fonte: Google Earth, com modificações (2022)

Tabatinga, possui uma população de 66,764 pessoas (IBGE, 2022), essa população vive com influência colombiana de um lado e peruana de outro, nesse caso fronteiriço, a fluidez da mesma é quem determina o modo de vida, assim como a percepção do outro, algo que parece natural e não algo ideologicamente construído.

Ao adentrar no mundo da Geografia, percebe-se o quanto esses aspectos “naturais” do cotidiano são, na verdade, construídos, fruto de processos históricos de formação socioespaciais, sobretudo a partir do século XX, mas sem desconsiderar os milhares de anos de territorialidades dos povos originários que vivem na região e são base da composição social atual, cujos impactos na Geografia escolar contemporânea regional, são inevitáveis.

Todos esses fatores analíticos de interconexões, interdependências e interpenetrações do/no Território Transfronteiriço estão envoltos pela própria dimensão dada ao ensino de Geografia escolar que permite perceber e viver as realidades transfronteiriças no cotidiano da vida, para além do âmbito escolar, mesmo que nos interesses aqui, entender essa gama de coisas e seus reflexos no ensino geográfico. Isso ajuda a compreender as relações vividas, sentidas e percebidas desta região de fronteira, essas reflexões sobre o ensino geográfico envolvem somente as escolas da cidade de Tabatinga-AM, estas recebem alunos das mais diversas cidades do Alto Solimões, como também das cidades de Letícia (Colômbia) e Santa Rosa (Peru).

Rita Dácio **FALCÃO**
Karinne Falcão **ARAÚJO**
Felipe Max Thibes **MATOS**
Rayssa Falcão **NEVES**
Odilon Souza **DOS SANTOS**
Iatiçara Oliveira **DA SILVA**

A ESCOLA DE FRONTEIRA: O CASO DE TABATINGA-AMAZONAS

O histórico educacional da atual cidade de Tabatinga iniciou com a nomeação do Padre Frei Adalberto Marzi, pelo Papa João XXIII em 1959, como o novo prefeito Apostólico do Alto Solimões, que na época era pároco da cidade de São Paulo de Olivença e prestava assistência religiosa aos moradores da fronteira desde 1954 ano que chegou na cidade de Benjamin Constant e era um grande conhecedor dos problemas enfrentados pela população da fronteira e um deles era a falta de escola, nessa região as crianças cresciam analfabetas. “Tão logo chegou ao Alto Solimões como missionário, o Padre Frei ADALBERTO MARZI, viu e sentiu de perto o abandono educacional com que o povoado convivia, sua primeira preocupação foi dotar Tabatinga de uma escola digna para seus habitantes” (Ataíde, 2022).

O jovem missionário Frei Adalberto Marzi resolveu buscar ajuda junto ao governo federal, que tinha como presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, na audiência com o então presidente, consegue aderir a região do Alto Solimões ao Programa de Governo chamado “Campanha Nacional contra o Analfabetismo”, recebendo a certeza de que em Tabatinga, cidade fronteiriça seria construída uma escola.

De imediato viajou para o Rio de Janeiro, sede do governo federal, visando articular recursos financeiros para construção da escola. Seu intento foi acolhido em audiência com o presidente JUSCELINO KUBITSCHKEK e inserido dentro do Programa Governamental Plano Piloto – Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo. (Ataíde, 2015).

Em 1960 foi inaugurada a primeira escola com o nome de Escola Agrupada 7 de Setembro, e assim foi oficializado a educação formal na fronteira, do lado brasileiro. Segundo Duarte (1986) a escola é uma instituição que se propõe a contribuir para a formação do educando como pessoa e como membro da sociedade, mediante a criação de condições e de oportunidades de ampliação e de sistematização do conhecimento.

As crianças pela primeira vez tiveram a oportunidade de se alfabetizar e aprender sobre a formação do seu país, estado, enfim, conhecer a geografia e a história do lugar em que vivem.

Em relação a Geografia, esta vem se consolidando e ampliando sua importância científica e epistemológica, essa Ciência também está se modificando no que se refere aos métodos de análises e nas relações que se estabelecem no espaço geográfico.

Sabemos que os contextos econômico, social e político, de tempos e espaços históricos/culturais diferentes, influenciam não só as respectivas políticas educacionais, como,

Rita Dácio **FALCÃO**
Karinne Falcão **ARAÚJO**
Felipe Max Thibes **MATOS**
Rayssa Falcão **NEVES**
Odilon Souza **DOS SANTOS**
Iatiçara Oliveira **DA SILVA**

também, os paradigmas dos distintos campos científicos. Dessa forma, as orientações da seleção e da organização dos conteúdos cognitivos e culturais do ensino sempre estiveram fortemente influenciadas pelos pressupostos ideológicos e pelos interesses sociais dos grupos dominantes (Forquin, 1993).

A educação é considerada um dos setores mais importantes para o desenvolvimento de um país. É através dela que os cidadãos produzem conhecimentos e ajudam no crescimento pessoal, profissional e da nação em que vivem, assim aumentando sua renda e dando mais qualidade de vida as pessoas inseridas no contexto familiar.

Acreditamos que o ensino da Geografia nos esclarece e nos permite colocar algumas questões norteadoras para a reflexão, tais como: Qual a importância do ensino de geografia? Como os fatores geográficos refletem no livro didático, na metodologia de ensino, nos programas oficiais da disciplina e na formação dos professores? Qual a missão atual da Geografia no ensino nas escolas, e como isso se reflete enquanto fronteira percebida e vivida pelos sujeitos que vivem a Geografia escolar na fronteira?

Consciente de que a escola influencia fortemente a formação ideológica do cidadão, pergunta-se sempre, até que ponto a Geografia escolar influencia o modo como vivemos a relação transfronteiriça, como a percebemos e entendemos, mediados, sobretudo, por uma Geografia escolar imbuída da ideologia dominante do Estado, por sua vez, são os Estados quem determinam as políticas educacionais dentro de seu território, e que essa ideologia impregnada, desde os primeiros anos escolares, pode marcar fortemente os diferentes aspectos do cotidiano das pessoas (a fronteira vivida e as relações transfronteiriças) e como os indivíduos percebem o outro (na fronteira percebida a partir das relações transfronteiriças). Estas são algumas questões que movimentam esta pesquisa, que por ora, está em desenvolvimento.

O ensino aprendizagem

O processo de ensinar e aprender é mediado pelo professor e o aluno, tendo como objetivo final a construção do conhecimento. O processo de construção é mútuo, professor e aluno agem ativamente dentro dessa construção, o aluno não é uma tábua vazia, as vivências de suas geografias devem fazer parte constituinte desse processo. A construção do conhecimento é uma atividade conjunta, compartilhada, com professor e aluno, como também relação social entre professor e alunos ante o saber escolar.

Rita Dácio **FALCÃO**
Karinne Falcão **ARAÚJO**
Felipe Max Thibes **MATOS**
Rayssa Falcão **NEVES**
Odilon Souza **DOS SANTOS**
Iatiçara Oliveira **DA SILVA**

O professor é agente do conhecimento, agindo ativamente leva o aluno ao objeto de forma contextualizada. Portanto, o professor não é apenas um transmissor de conhecimento, e nem o aluno é apenas um absorvedor de informações, ambos constroem mutuamente o conhecimento e são parte constituinte do processo de ensino e aprendizagem.

A análise dos conceitos científicos deve ser repassada aos alunos, a vivência, ou seja, o conhecimento prévio que cada aluno traz dentro de si, são fundamentais para uma análise comparativa e cooperativa de forma crítica dos próprios conceitos estabelecidos pela ciência. O conhecimento envolve sempre um fazer, um atuar do homem (Libâneo, 1990).

Para compreendermos os processos de constituição do ensino e aprendizagem é necessário entender o processo interacionista que é parte constituinte do processo de construção do conhecimento. O conhecimento da realidade social é um dos pontos fundamentais nesse sentido, a simbologia é dada construtivista que se estabelece dentro do processo de entendimento da interação homem com o mundo.

O papel da escola é fundamental no processo de estímulo ao aluno, no entendimento da construção dos conceitos básico, por via dessa instituição é que o desenvolvimento do ensino sistematizado ocorre de forma mais frequente, sendo assim, é parte constituinte da construção do ensino e aprendizado, o conhecimento adquirido na escola deve ser inter-relacionado no processo de construção mútuo.

Para que melhor possamos entender a realidade atual do trabalho dos professores na escola, pensamos ser essencial uma passagem pela história da Geografia, neste caso, com o objetivo de situar as origens e o desenvolvimento das abordagens da disciplina.

Seguindo as orientações dos teóricos da ‘História das Disciplinas Escolares’, seu entendimento requer a análise das relações entre ‘fatores internos’ e ‘fatores externos’. Os primeiros são os que “dizem respeito às próprias condições de trabalho na área” e os últimos os “diretamente relacionados à política educacional e ao contexto econômico, social e político que a determinam” (Santos, 1990).

Acreditamos que a disciplina não pode se resumir a um simples método pedagógico. Ela é muito mais do que isso e, conforme nos lembra Chervel (2003), apesar da crítica ao conteudismo na escola, o conteúdo tem uma importância muito grande na constituição e no funcionamento de uma disciplina. Em outras palavras, nos ajuda a identificar para que serve a disciplina e em que medida ela está estruturada para atender às expectativas dos/das estudantes, dos pais, dos poderes públicos e da sociedade em geral.

Rita Dácio **FALCÃO**
Karinne Falcão **ARAÚJO**
Felipe Max Thibes **MATOS**
Rayssa Falcão **NEVES**
Odilon Souza **DOS SANTOS**
Iatiçara Oliveira **DA SILVA**

Diferentemente da função, que aponta para as intenções, objetivos, finalidades, o funcionamento da disciplina está relacionado com a eficácia real e concreta, com os resultados do ensino. (Chervel, 1990).

Além disso, para abordar o ensino de Geografia numa perspectiva de um mundo contemporâneo real, é preciso reconstituir as interpretações da ciência geográfica que permitiram, conforme o contexto geográfico e histórico, a filiação a determinados métodos científicos para explicar o mundo.

Para tratarmos de fronteira e espaços transfronteiriços, devemos confirmar a presença do território, entender como se forma um território, uma região, traçar sua trajetória do início, da chegada dos primeiros habitantes (territorialidades dos povos originários que vivem na região e são base da composição social atual). Todos esses fatores analíticos de interconexões, interdependências e interpenetrações estão envoltos pela própria dimensão dada ao ensino de Geografia escolar que permite perceber e viver as realidades transfronteiriças no cotidiano da vida, para além do âmbito escolar, mesmo que nos interesses aqui, entender essa gama de coisas e seus reflexos no ensino geográfico.

As escolas de fronteira, aqui o caso das escolas de Tabatinga, enfrentam vários desafios, principalmente em relação as questões culturais, sociais, linguísticas e documentais (os alunos estrangeiros muitas vezes ao fazer a matrícula não entregam as documentações completas que ficam pendentes por algum tempo), pois, essas escolas recebem alunos das diversas cidades que compõe o Alto Solimões e das cidades de Letícia (Colômbia) e Santa Rosa (Peru).

Muitos alunos sofrem preconceitos, por questões culturais, como também pela pouca compreensão da língua escrita e falada, e isso reflete no entendimento dos conteúdos seja ele geográfico ou de qualquer outra disciplina, na relação interpessoal professor/aluno e aluno/aluno e numa forma geral no ensino/aprendizagem.

A questão da formação do professor também é um fator que prejudica o ensino/aprendizagem na fronteira, existem professores que não compreendem, não falam e não escrevem os idiomas espanhol e castelhano, prejudicando assim o aprendizado dos alunos que vem dos países vizinhos, fronteiriços.

Um outro fator que prejudicar as escolas de fronteira, especificamente as escolas de Tabatinga, é o Livro Didático e o currículo, que chegam as escolas com conteúdos fora da realidade da situação fronteiriça, descontextualizados, a formação dos professores também não levam em consideração a questão fronteiriça e a diversidade do alunado da escola de fronteira, não

Rita Dácio **FALCÃO**
Karinne Falcão **ARAÚJO**
Felipe Max Thibes **MATOS**
Rayssa Falcão **NEVES**
Odilon Souza **DOS SANTOS**
Iatiçara Oliveira **DA SILVA**

consideram que depois de formados esses professores irão atuar com uma população diversificada dentro da escola, um alunado das mais diversas cidades do Alto Solimões e dos países vizinhos.

As escolas de fronteira, poderiam e deveriam apresentar currículos diversificados trazendo os conteúdos para a realidade local, não se preocupam e não se diferenciam das demais, reproduzem em suas práticas o olhar e o discurso dos centros detentores do poder econômico, político e social, desconsiderando as especificidades da fronteira.

Para entender a questão fronteiriça ou qualquer outro conteúdo escolar é preciso compreender o que é ensinado na escola e assim pôr em prática, experimentar no vivido o que aprendeu na escola.

A geografia escolar e o livro didático

Entendemos que a Geografia Escolar possui uma forte influência no modo de vida e na formação ideológica de um cidadão, o conhecimento geográfico nos permite a reflexão sobre a formação social e territorial de um lugar, perceber como ele é vivido, construído e reconstruído, tanto de um lado da fronteira como do outro. “Um aluno é único, mas, ao mesmo tempo, é o resultado de suas relações. Ele se reconhece quando compreende o que o envolve, as relações ali presentes e o processo, a continuidade do lugar” (Costella; Schaffer, 2012).

A institucionalização do ensino oficial formalizado e trabalhado pela escola teve como ponto de partida a alavancada burguesa ocorrida em seu ápice pela Revolução Industrial no Século XVIII na Inglaterra e repassada com o desenvolvimento do modo de produção capitalista pela Europa via processo de Ocidentalização do mundo através da divisão do trabalho.

Na caracterização do aparecimento da escola têm-se os ideais cívicos e patrióticos, nacionalista como elementos a serem passados ao educando. As “Escolas Geográficas” surgem dentro dessa concepção tem identidades relacionadas de acordo com seu país de origem onde são desenvolvidas.

O ensino de geografia aparece estabelecido na forma de compêndios que tem como prática escolar o desenho de mapas de países, continentes, estabelecendo uma forma naturalizada dos fatos e os despolitizando como demonstra Lacoste.

Rita Dácio **FALCÃO**
Karinne Falcão **ARAÚJO**
Felipe Max Thibes **MATOS**
Rayssa Falcão **NEVES**
Odilon Souza **DOS SANTOS**
Iatiçara Oliveira **DA SILVA**

A geografia escolar foi imposta a todos no fim do século XIX e esse modelo continua a serem reproduzidos ainda hoje, quaisquer que possam ter sido os progressos na produção de ideias científicas, encontra-se totalmente alheado de toda a prática”. De todas as disciplinas ensinadas na escola ou no liceu, a geografia é, ainda hoje, a única que surge como um saber sem a mínima aplicação prática fora do sistema de ensino. (...) No entanto, o mestre, o professor, sobretudo dantes, obrigava a "fazer" muitos mapas”. nação. (Lacoste, 1988).

Para muitos o ensino de geográfico em sua análise não contribuiu para o estabelecimento da Geografia como ciência ou mesmo em sua “modificação”, no entanto as escolas exerceram e exercem sua importância na estruturação do que é e vai ser estudado dentro do ensino de geografia, um exemplo presente foi o movimento de renovação no século passado em 1970 onde escolas, cursinhos tiveram como prática o inserimento de conteúdos políticos, culturais, críticos de forma geral que impulsionou a modificação da geografia brasileira nesse século.

Nessa perspectiva começar a surgir uma crise no ensino de geografia não restrita aos livros didáticos, escolas mais até ao ensino universitário, essa explicação é relacionada a nova forma e configurações estabelecidas no espaço geográfico que deixou de ser exclusivamente espaços das Nações, os fatos mnemônicos, a análise estanque e descritiva passou de ser explicativa abrindo a análise agora para a arena (espaço político) onde a internacionalização da territorialidade do capital e transnacional, territorialidades múltiplas são partes constituintes de seu novo formato.

É na escola que entramos na luta antagônica de forças (não desprezando outras arenas de embates) para tanto é fundamental que o professor seja proativo desvinculando-se do tradicionalismo e marasmo impostos por um contexto vivenciado em seu dia a dia. Revisando e refazendo, estando atento, analisando, criticando de forma profunda e fundamentada as práticas e ações pedagógicas em que está inserido, tendo o aluno como construtor do conhecimento.

No novo contexto geográfico o professor deve relacionar programas, conteúdos com realidade social dos alunos, as geografias cotidianas fazem parte desses princípios onde o conhecimento do espaço é fundamental no seu entendimento.

O trabalho de temas geográficos são elementos cruciais no ensino de geografia demonstrando a sua criticidade atentando para as relações contraditórias existentes na sociedade e não em fatos estanques separados do seu conjunto, as “geografias regionais” são um bom exemplo disso demonstrando pouco dinamismo e entendimento diante dos fatos relacionados às contradições mundiais passam-se um olhar estanque e naturalizado dos fatos.

Rita Dácio **FALCÃO**
Karinne Falcão **ARAÚJO**
Felipe Max Thibes **MATOS**
Rayssa Falcão **NEVES**
Odilon Souza **DOS SANTOS**
Iatiçara Oliveira **DA SILVA**

Para Vesentini (2008) referindo-se a questão política ou despolitização da geografia, “abertura democrática” estabelecida no Continente latino-americano demonstra a forma de utilização e politização trabalhada da disposição dos conteúdos no livro de geografia.

Os fatos demonstrados até aqui são elementos fundadores que ainda permeiam a geografia ensinada na sala de aula, professores ainda permanecem voltados para os conteúdos estabelecidos oficialmente relacionados a geografia dos Estados – Maiores e dos Professores que em suas explicitações naturalizam os fatos geográficos em suas análises, cabe ao professor a análise crítica embasada desses conteúdos nosso sentido de interpretá-los de forma crítica.

É notório observar a presença do livro didático na constituição do ensino em escolas, essa presença é vista em escolas particulares, públicas no que diz respeito a essas escolas é feita uma verdadeira mobilização tanto em sua impressão, distribuição, escolha, o interesse é grande por parte das editoras em vencer a licitação já que isso traz um grande rendimento econômico a essas empresas.

Um das colocações feitas a respeito do livro didático é que eles são transmissores de informações, tendo a função de repassar os conteúdos geográficos, os “fatos geográficos” são caracterizados dentro de uma harmonia dentro da distribuição dos conteúdos.

Contudo, os conteúdos aparecem de forma desconectas, ou seja, não estão relacionados entre si, a fronteira não aparece, por exemplo, como espaço de vivência, o controle é baseado nos ideários ainda do Estado- Nacional, a “visão dos de fora” a chamada “opinião” publica divulgada pelos grandes meios de “informação” são prevalecidos a realidade são colocadas de forma estanque.

Alguns “manuais” vigentes na escolha das escolas apresentam os conteúdos de forma pouco critica isso é observado no aprofundamento e das discussões dos mesmos colocados apenas de forma descritiva.

Para “solução” desses fatos a preparação do professor é fundamental no processo de ensino aprendizagem, na introdução de textos relacionados à realidade social dos alunos, estimulação de debates de forma crítica, construção crítica e relação entre teoria e prática são fundamentais.

O livro didático é uma das ferramentas a ser utilizado em sala de aula, portanto, deve fazer parte da metodologia para o desenvolvimento de qualquer conhecimento, para melhorar a utilização desse recurso é necessário o empenho e planejamento dos professores em sala de aula no desenvolvimento dos assuntos a serem ministrados.

Rita Dácio **FALCÃO**
Karinne Falcão **ARAÚJO**
Felipe Max Thibes **MATOS**
Rayssa Falcão **NEVES**
Odilon Souza **DOS SANTOS**
Iatiçara Oliveira **DA SILVA**

A utilização de livros paralelos que contrastarem a realidade colocada pelo livro utilizada demonstrando outros pontos de vistas e formas a serem trabalhadas, o trabalho de campo é fundamental para concretizar qualquer tipo de conceito, a fronteira em nosso caso do estudo pode ser trabalhada de forma integrada do ponto de vista teórico e prático para o entendimento dos alunos chegarem a suas próprias conclusões a respeito do que e falado desse espaço.

Portanto, isso nos leva a um questionamento, a Geografia escolar desenvolvida e aplicada nas escolas de Tabatinga, ou seja, nas escolas de fronteira, estão cumprindo com o seu dever, político e social? Nessa reflexão, identifica-se a importância do ensino da Geografia dentro dos diferentes contextos políticos, econômicos e sociais, para que possam vir contribuir e refletir na vida dos sujeitos que vivem a Geografia escolar.

CONSIDERAÇÕES NÃO FINAIS

Considerando que o ensino de Geografia vem sendo debatido por muitos teóricos, propomos neste trabalho fazer uma reflexão sobre o papel do professor de Geografia no processo de ensino-aprendizagem, tendo em vista os desafios atuais da prática docente, principalmente em escola de fronteira.

Para entender esse processo, buscamos observar a prática docente de modo a entendê-la com maior viabilidade. Fez-se uma reflexão da importância dos procedimentos pedagógico-didáticos na atuação desse profissional em suas aulas, transformando os conteúdos em vivência, o que dá maior significado ao processo de aprendizagem. Foi observado os desafios do dia a dia de professores e alunos, principalmente no que se refere aos conteúdos relacionados a fronteira, daí surgem as indagações: De que forma repassar os conteúdos que trata de fronteira, como fazer para que o aluno venha compreender a fronteira vivida, como perceber essa fronteira e se relacionar com culturas diferenciadas.

Dessa forma, entendemos que a formação e a capacitação constante do docente de Geografia faz-se necessário para que tenhamos resultados favoráveis para o ensino, tendo em vista que o professor participa do crescimento, do amadurecimento dos alunos com os quais se relaciona, para isso precisa definir métodos de ensino para melhor conduzir o processo de aprendizagem conforme a realidade na qual esteja inserido. Contudo, não basta somente o professor ter uma postura crítica frente aos conteúdos e ao ensino, faz-se necessário também que a escola e o poder público assumam suas responsabilidades, ou seja, devem oferecer as condições

Rita Dácio **FALCÃO**
Karinne Falcão **ARAÚJO**
Felipe Max Thibes **MATOS**
Rayssa Falcão **NEVES**
Odilon Souza **DOS SANTOS**
Iatiçara Oliveira **DA SILVA**

mínimas de estrutura e materiais necessários para a que o ensino aprendizagem flua e faça a diferença na vida de cada estudante.

Portanto, consideramos no decorrer da pesquisa (pesquisa em andamento) urgentemente que o ensino de Geografia acompanhe as mudanças da sociedade e que também seja causador de mudanças, trazendo transformações para a realidade da sala de aula, no que tange a formação de cidadãos conscientes e interessados pela realidade social que os cerca.

REFERÊNCIAS

- ATAIDE, L. **Tabatinga, Crônicas Fronteiriças**. Bogotá (Colômbia). Editora Gente Nueva, 2015.
- ATAIDE, L. **Tabatinga, sua história – No contexto do Alto Solimões e da Região Tri-Fronteiriça**. Bogotá (Colômbia). Editora Gente Nueva, 2022.
- CHERVEL, A. **História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa**. In: Teoria & Educação. Porto Alegre, 1990.
- CHERVEL, A. **História das disciplinas escolares: reflexões sobre Christian Laval**. Folha de São Paulo, São Paulo, 24 de junho de 2003.
- COSTELLA, R; SCHAFFER, N. O. **A Geografia em projetos curriculares: ler o lugar e compreender o mundo**. Erechin: Edelbra, 2012.
- DUARTE, S. G. **Dicionário brasileiro de educação**. Rio de Janeiro: Antares/Nobel, 1986.
- FORQUIN, J. C. **Escola e Cultura – as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- HEERDT, M. L. **Pensando para viver alguns caminhos da Filosofia**. 5ª ed. Florianópolis—C: Sophos, 2005.
- IBGE. **Cidades**. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 07 de agosto. 2023.
- JÚNIOR, J. A. de S.. **Negros da terra e/ou negros da Guiné: trabalho, resistência e repressão na região do Grão-Pará no período do Diretório**. In: Afro-Ásia, 48 (2013), 173-211.
- LACOSTE, Y. S. **A Geografia Serve, Antes de Mais Nada, para Fazer a Guerra**. Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1988.
- LIBÂNEO, J. C. “Fundamentos teóricos e práticos do trabalho docente – estudo introdutório sobre pedagogia e didática”, tese de doutorado. São Paulo: PUC-SP, 1990.
- MACHADO, L. O. **Estados, territorialidades, redes**. Cidades gêmeas na zona de fronteira sul-americana, In: Conhecimentos em chamás. Globalização e território na América Latina. Maria Laura Silveira (Org.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- NIMUENDAJÚ, C. **Os índios Tukuna (1929)**. In: Textos indigenistas. São Paulo: Loyola, 1982. p. 192-208.

Rita Dácio **FALCÃO**
Karinne Falcão **ARAÚJO**
Felipe Max Thibes **MATOS**
Rayssa Falcão **NEVES**
Odilon Souza **DOS SANTOS**
Iatiçara Oliveira **DA SILVA**

OLIVEIRA, J. P. Ação indigenista e utopia milenarista: as múltiplas faces de um processo de territorialização entre os Ticuna. In: ALBERT, Bruce; RAMOS, Alcida Rita (Orgs.). **Pacificando o branco: cosmologias do contato no Norte-Amazônico**. São Paulo: Unesp, 2002. p. 277-310.

SANTOS, L.L. de C. P. **História das disciplinas escolares: perspectivas de análises**. Teoria e Educação. Porto Alegre, 1990.

VESENTINI, J. W. Para uma Geografia Crítica na Escola. São Paulo: Editora do Autor, 2008.

- * Doutoranda em Geografia na Universidade Federal de Rondônia-UNIR
- ** Pós-graduanda em bucomaxilo facial, Faculdade do Amazonas-IAES
- *** Graduando da Universidade do Estado do Amazonas-UEA
- **** Graduada em Medicina pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA
- ***** Professor especialista do Instituto Federal do Amazonas-IFAM
- ***** Doutoranda da Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP

Recebido em: 31 de janeiro de 2024

Aceito em: 08 de março de 2024